

# **Musicoterapia no Desenvolvimento da Competência Interpessoal: atuação com professores de arte da rede pública estadual de ensino em Goiás**

MODALIDADE: Comunicação Oral

*Roberta Borges dos Santos*  
*Universidade Federal de Goiás - romusicoterapia@hotmail.com*

*Claudia Regina de Oliveira Zanini*  
*PPG-Música/Universidade Federal de Goiás - mtclaudiazanini@gmail.com*

**Resumo:** No ambiente escolar um professor necessita estabelecer vínculos com a instituição, em todos os seus âmbitos e, para isso, é imprescindível ter conhecimento de si mesmo. Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa qualitativa, que teve como principal objetivo investigar o efeito da Musicoterapia no desenvolvimento da competência interpessoal em professores de arte. Foram incluídos professores da rede pública estadual de ensino, com idade entre 18 e 48 anos. Os resultados evidenciaram que a Musicoterapia contribuiu para o desenvolvimento da competência interpessoal, pois todos os membros do grupo perceberam mudanças significativas no trato com colegas e na relação com alunos.

**Palavras-chave:** Musicoterapia, competência interpessoal, professores de arte, ensino público, teoria da complexidade.

## **Music Therapy in the development of interpersonal competence: proposed action with teachers of art state of public education in Goiás**

**Abstract:** In a school setting a teacher needs to establish links with the institution, in all its spheres and, therefore, it is essential to have knowledge of himself. This paper presents results of a qualitative study that aimed to investigate the effect of music therapy on the development of interpersonal competence in art teachers. We included teachers from public state school, aged between 18 and 48 years. The results showed that music therapy contributed to the development of interpersonal competence, because all members of the group noticed significant changes in dealing with colleagues and relationship with students.

**Keywords:** Music therapy, interpersonal skills, art teachers, public education, complexity theory.

### **1. Introdução**

As escolas são organizações onde se pressupõe uma interação entre as pessoas para a promoção da formação humana. A instituição escolar caracteriza-se por ser um sistema de relações humanas e sociais com fortes propriedades interativas. Nesse sentido, o professor deve possibilitar o desenvolvimento da competência interpessoal de seus alunos em aprender a aprender, a refletir criticamente, a trabalhar em equipe, a solucionar problemas. A tarefa do professor está ligada à criação de possibilidades, não apenas para transmitir conhecimentos, mas também despertar o aluno para o seu desenvolvimento pessoal, demonstrando uma forma de educação mais reflexiva, além de propiciar a comunicação. Para que essa tarefa seja realizada, é necessário que o docente tenha preparo e condições de desenvolver suas próprias competências interpessoais.

Consoante à Moscovici (2009),

competência interpessoal é a habilidade de lidar com a percepção acurada da situação interpessoal, de suas variáveis formas de inter-relação, desenvolvendo a capacidade de resolver problemas, de tal modo que não haja regressões, criando soluções de tal forma que as pessoas envolvidas continuem trabalhando juntas eficientemente (p.74).

No ambiente de trabalho, relações saudáveis representam não só um fator de equilíbrio pessoal, como também um aspecto decisivo para a produtividade, pela presença de um clima harmonioso, de integração e cooperação mútua. Entretanto, há que se reconhecer que ambientes como esse nem sempre surgem espontaneamente, pois as relações humanas são complexas pela distinção de valores, visões do mundo e do trabalho, comportamentos, diferenças sociais, ambientes familiares, enfim, uma complexa cadeia de fatores (MOSCOVICI, 2007).

Para que ocorra um bom desenvolvimento das relações no ambiente escolar, o professor necessita ter conhecimento de si mesmo. É indispensável que ele se conheça num processo de construção e organização pessoal da realidade, em sua capacidade de atuar como pessoa integrada, dar ênfase à vida física, psicológica e emocional, preocupar-se com sua orientação interna, com o autocontrole e com o desenvolvimento de uma visão autêntica de si orientada para a realidade individual e coletiva (RIOS, 2001).

Visando o bem-estar do professor dentro do seu ambiente de trabalho, bem como a necessidade de atuar de forma integrada, propõe-se um trabalho musicoterapêutico na perspectiva de contribuir para o desenvolvimento da competência interpessoal dos professores, além de proporcionar experiências de maior contato com seus sentimentos e emoções.

A Musicoterapia foi definida, em julho de 1996, pela Comissão de Prática Clínica da Federação Mundial de Musicoterapia, como:

A utilização da música e/ou seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia) por um musicoterapeuta qualificado, com um cliente ou grupo, num processo para facilitar e promover a comunicação, relação, aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos relevantes, no sentido de alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas. A Musicoterapia objetiva desenvolver potenciais e/ ou restabelecer funções do indivíduo para que ele possa alcançar uma melhor integração intra e/ou interpessoal e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida, pela prevenção, reabilitação ou tratamento (Revista da UBAM, 1996, p. 44).

Nesse sentido, entende-se a Musicoterapia como uma forma de tratamento que visa promover a saúde psicofisiológica do indivíduo, uma vez que a ferramenta de trabalho do musicoterapeuta – a música – pode atuar em diversos níveis do organismo e nas relações do indivíduo com seu mundo (interno e externo).

Ruud (1990) afirma que “a música é capaz de acessar áreas da psiquê, que dificilmente outros estímulos atingem, acessando conteúdos que por vários motivos não comunicamos a nós mesmos”. (p. 89). Benenzon (2008) defende a música como uma linguagem terapêutica, comunicativa e partilhada, atuando como uma linguagem não-verbal,

No processo grupal, a música é vivenciada por cada indivíduo de forma singular. A maneira como uma pessoa ouve ou faz música é uma manifestação de sua identidade como ser humano, revelando quem essa pessoa é (BRUSCIA, 2000).

Por meio desta pesquisa, observou-se as dificuldades de relacionamento interpessoal existentes no ambiente escolar na rede do ensino público e propôs-se um trabalho musicoterapêutico direcionado aos professores de arte de escolas públicas estaduais goianas. Objetivou-se o desenvolvimento da competência interpessoal por meio do autoconhecimento, a fim de promover maior integração com os grupos de trabalho existentes na escola. Buscou-se também, na equipe, a autoconfiança e a conscientização da importância do ensino da arte.

Como questões norteadoras para esta pesquisa foram destacados os seguintes pontos: a Musicoterapia, dentro do contexto educacional, pode auxiliar professores de arte de escolas públicas estaduais que estão frente a situações de conflito interpessoal? A música e seus elementos podem atuar como facilitadores de vínculos e no desenvolvimento das relações intra e interpessoais? A Musicoterapia pode reaproximar as pessoas, levando-as a se agruparem em torno de objetivos comuns?

Tendo em vista a obtenção de qualidade de vida no ambiente de trabalho, a otimização das competências esperadas e, considerando-se a potencialidade da música como elemento terapêutico e a problemática das relações interpessoais na escola, teve-se como principal objetivo na presente pesquisa investigar como a Musicoterapia pode contribuir para o desenvolvimento da competência interpessoal dos professores de arte da Rede Pública Estadual de Ensino.

As perspectivas das áreas de conhecimento discutidas neste estudo foram integradas, tendo como fundamentação os preceitos da Teoria da Complexidade, difundidos principalmente pelas ideias de Edgar Morin. Essa teoria, também conhecida como Novo Paradigma, traz uma visão de mundo baseada na *perspectiva sistêmica*, além de mostrar a necessidade de se formarem cidadãos crítico-reflexivos, capazes de lidar com incertezas (MORIN, 2010a).

## **2. Materiais e Métodos**

A pesquisa teve abordagem qualitativa, que tem em si o reconhecimento da subjetividade e do simbólico como partes integrantes da realidade social (MINAYO, 2006).

Os critérios de inclusão foram: faixa etária de 18 a 48 anos; ser professor de arte da Rede Pública Estadual de Ensino, ativo, com contrato temporário ou efetivo; demonstrar preocupação com o ambiente de trabalho; assinar o TCLE. Os critérios de exclusão foram: faixa etária acima de 48 anos, inativos ou aposentados; não aceitar os termos do TCLE. Os sujeitos, após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foram encaminhados para os atendimentos musicoterapêuticos.

No início do processo terapêutico os participantes preencheram a ficha musicoterápica, onde colocaram dados relacionados à sua preferência musical e dados de sua vida pessoal. Durante a investigação foram aplicados dois questionários, sendo o primeiro no início, antes das intervenções musicoterapêuticas, com perguntas voltadas para a temática sobre competência interpessoal. O segundo foi respondido após o final das intervenções, onde os participantes descreveram dados sobre o processo musicoterápico grupal do qual participaram.

Foram realizadas dez sessões semanais, com duração de sessenta a noventa minutos e a musicoterapeuta pesquisadora utilizou as experiências musicais descritas por Bruscia (2000): re-criação, improvisação, composição e audição musicais. Além dos questionários e ficha musicoterápica, a coleta de dados também se deu por meio dos relatórios feitos pela musicoterapeuta pesquisadora, após cada sessão.

### **3. Resultados**

Foram sujeitos da pesquisa professores de arte do Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte. Os dados coletados através da entrevista inicial (ficha musicoterápica) revelaram que a maioria dos participantes tinha preferências musicais em comum, referentes à Música Popular Brasileira. Apenas um participante mostrou interesse pessoal pela música sertaneja ou pela música midiática (axé, funk, pagode).

Dos compositores de MPB, os mais citados foram Milton Nascimento, Djavan, Tom Jobim, Chico Buarque, Caetano Veloso, Vinícius de Moraes, Gonzaguinha, Lenine, João Bosco, Gilberto Gil. Entre os principais intérpretes destacaram-se Maria Rita, Alcione, Elis Regina e Maria Gadú.

Quanto aos sons ou ruídos que mais agradavam os participantes foram lembrados os seguintes: sons de chuva, água, cachoeira e vento. Entre os sons e ruídos que mais

desagradavam os participantes foram citados: barulho exagerado de trânsito, grande quantidade de pessoas conversando e instrumentos musicais muito altos ou mal tocados. Os instrumentos musicais preferidos dos participantes foram assim relacionados: violão, percussão, teclado, piano, flauta, violino e saxofone.

Ainda na ficha musicoterápica, todos os participantes relataram, de alguma forma, que a música é importante na vida do ser humano, pois o acompanha em diversas fases da vida. Acreditam que a música pode trazer equilíbrio e harmonia às pessoas.

O primeiro questionário foi aplicado no início da pesquisa com perguntas voltadas para a competência interpessoal. As quatro questões dizem respeito ao momento de vida atual, às expectativas em relação ao processo musicoterapêutico, à opinião de cada participante quanto ao relacionamento com colegas de trabalho e alunos, e à autoavaliação de suas competências interpessoais. As respostas demonstraram dificuldades no relacionamento interpessoal da equipe e, entre esses itens destacaram-se: falta de paciência, dificuldades em aceitar ideias alheias, inflexibilidade, desgaste emocional da equipe, falta de diálogo, indiferença, insensibilidade, timidez, medo de críticas, falta de autonomia e intolerância. Todos os participantes alegaram que, apesar dessas dificuldades, a equipe se preocupa em ter um comportamento ético uns com os outros.

Ainda no primeiro questionário, os componentes do grupo relataram dificuldades de relacionamento fora do ambiente de trabalho. Cinco deles alegaram possuir algum tipo de problema familiar, principalmente na relação com os filhos adolescentes. Demonstraram ainda dificuldades de concentração no trabalho quando estão com problemas familiares.

O segundo questionário foi respondido no final da coleta de dados, quando os participantes descreveram o processo musicoterápico grupal do qual participaram. As quatro questões eram relacionadas ao momento de vida atual, às repercussões da participação no processo musicoterapêutico, à opinião de cada um deles quanto ao relacionamento com colegas de trabalho e alunos e à autoavaliação de suas competências interpessoais após o processo. Todos perceberam mudanças nas relações intra e interpessoais e consideraram estar mais crítico-reflexivos depois do processo musicoterapêutico vivenciado.

#### **4. Discussão**

A discussão dos dados foi realizada com base no cruzamento dos dados coletados e das leituras musicoterapêuticas em triangulação com a revisão de literatura, nas áreas de

Musicoterapia e suas relações com conceitos como competência interpessoal e desenvolvimento de equipe, tendo como fundamentação a Teoria da Complexidade.

Em relação aos relatos dos participantes expressos nas sessões musicoterapêuticas e nos questionários respondidos no início e final da pesquisa, pode-se afirmar que os objetivos esperados foram correspondidos e que a Musicoterapia contribuiu para o desenvolvimento da competência interpessoal de professores de arte da rede pública estadual de ensino.

O processo musicoterapêutico grupal em questão favoreceu o desenvolvimento de várias habilidades relacionadas à interação e compreensão humana e refletiu positivamente no desenvolvimento das competências interpessoais. Os participantes revelaram em suas falas (das sessões que foram gravadas e questionários) mudanças significativas que ocorreram no relacionamento entre os membros da equipe. Tais mudanças foram percebidas não apenas no decorrer do processo musicoterapêutico em si, mas também nos relacionamentos interpessoais de cada um em seu cotidiano, com repercussões nos diversos contextos sociais.

Para exemplificar, apresenta-se relatos de dois participantes, referentes às mudanças ocorridas na equipe no final do processo: 1) *“Percebo que foi um relacionamento de entrosamento e muita sinceridade. Acredito que ficamos mais sensíveis às limitações e necessidades de cada um. Muito do que foi experienciado no processo musicoterápico se estendeu a outras atividades no ambiente de trabalho, o que permitiu momentos de descontração, até mesmo com os colegas do Ciranda que não participaram da terapia”*. 2) *“Acredito que essa experiência pôde beneficiar os aspectos de relações de trabalho, melhorando a convivência, respeitando o outro e agindo sempre com ética. Logo, acredito que seria interessante a proposta se ampliar para dar continuidade ao trabalho contribuindo para a melhoria da qualidade das relações das pessoas. Durante este momento foi importante e de grande valia compartilhar um problema que foi desenvolvido na equipe [...]. Concordo que devemos nos esforçar e termos abertura para tentar reverter e melhorar a relação pessoal e esta certamente permite a fluidez, flexibilidade, respeito e ética no trabalho.*

De acordo com os relatos, as mudanças também foram percebidas pelos outros professores de arte que trabalham na instituição e que não participaram da pesquisa.

Ao se compararem os questionários 1 e 2 (respondidos antes e após o processo musicoterapêutico), percebeu-se que as informações mais significativas foram referentes à existência de uma “nova equipe”, com outras características, quais sejam: mais solidária, mais participativa e mais entrosada. Robbins (2002) considera que uma equipe de trabalho “é um grupo em que os esforços individuais resultam em nível de desempenho maior do que a soma

das entradas individuais” (p.250). No caso da equipe participante deste estudo, os esforços de cada um resultaram na colaboração e na solidariedade mútuas.

As mudanças ocorridas durante a realização da pesquisa foram trazidas pelos participantes em seus depoimentos e estão relacionadas com o desenvolvimento e melhora de aspectos, tais como: respeito, ética, flexibilidade, empatia, comunicação, interação, percepção e aceitação do outro tal como ele é, autoaceitação, interiorização tolerância, lucidez, visão global, reflexão e solidariedade.

Todos os membros do grupo perceberam mudanças significativas no trato com colegas e na relação com alunos (para aqueles que trabalham em escolas). As mudanças também passaram pelas relações intrapessoais. Pelos relatos deduz-se que o trabalho em equipe desenvolveu e ampliou o olhar e a compreensão de si mesmo e isso refletiu positivamente na compreensão do outro.

No processo em estudo foi possível notar que, mesmo considerando as diferenças de pensamentos e ideias de cada participante, a equipe conseguiu se desenvolver de modo mais eficaz quando houve a participação e compreensão de todos, principalmente no que diz respeito às diferenças. O processo estimulou a reflexão de cada participante, favorecendo o desenvolvimento das relações intra e interpessoais. As discussões geradas nos momentos de compartilhamento das sessões contribuíram para a mudança na maneira de pensar e agir, refletindo na coesão da equipe.

O desenvolvimento da competência interpessoal aconteceu de forma natural e espontânea. O trabalho musicoterapêutico, embasado na teoria da complexidade, promoveu a reflexão, o que desenvolveu a iniciação à lucidez. Morin (2010a) esclarece que a iniciação à lucidez é inseparável de uma iniciação à onipresença do problema do erro. A iniciação à lucidez para a equipe em questão só aconteceu quando os membros reconheceram os problemas e os erros a serem trabalhados. Dado esse reconhecimento, foi possível encarar os conflitos existentes na equipe e a vontade de melhorar ou até mesmo solucionar esses problemas. O trabalho musicoterapêutico clarificou as ideias e mostrou, à luz da teoria da complexidade, ser possível ocorrerem mudanças na maneira de pensar quando existe abertura e lucidez para que isso aconteça.

Morin (2010a) atesta que “a aprendizagem da compreensão e da lucidez, além de nunca ser concluída, deve ser continuamente recomeçada” (p. 53). Assim, a utilização do pensamento complexo deve ser estimulada procurando-se mostrar as relações e inter-retroações entre cada fenômeno e seu contexto, ou seja, as relações de reciprocidade todo/partes: como uma modificação local repercute sobre o todo e como uma modificação repercute sobre

as partes: “Trata-se, ao mesmo tempo, de reconhecer a unidade dentro do diverso, o diverso dentro da unidade; de reconhecer, por exemplo, a unidade humana em meio às diversidades individuais e culturais, as diversidades individuais em meio à unidade humana” (p.25). Para o trabalho musicoterapêutico dessa equipe foi possível perceber as mudanças ocorridas na relação entre as partes (unidade) e o todo (o diverso), sendo que cada uma das partes (participantes) reforçou a existência e permanência do todo (a equipe/ a instituição).

## 5. Considerações Finais

As expectativas para a realização desta pesquisa foram cumpridas, especialmente pela integração entre a teoria da complexidade e a musicoterapia. Por meio da musicoterapia foi possível estimular a reflexão de cada participante com base na teoria da complexidade.

A presente pesquisa teve a intenção de auxiliar na melhoria das relações interpessoais e provocar alguma mudança na maneira de pensar e agir de professores de arte da rede pública estadual de ensino. Acredita-se que tais mudanças na maneira de pensar ocorram nos alunos se, primeiramente, elas ocorrerem nos professores. Para tanto, teve-se um foco na quebra de paradigmas em relação ao ensino da arte. A reflexão, por meio da vivência musicoterapêutica, favoreceu tais mudanças, apreendidas nas falas dos professores.

No final da pesquisa, os participantes, por meio do fortalecimento das relações interpessoais ocorridas, melhoraram a consciência no tocante à importância do ensino da arte e da necessidade da reflexão. Essa abertura possibilitou, sem dúvida, nova consciência na equipe.

### Referências:

- BENENZON, R. *La Nueva musicoterapia*. 2ª edição. Ed. Lumen, Buenos Aires, 2008.
- BRUSCIA, K. E. *Definindo a Musicoterapia*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- MINAYO, M. C. S. (Org); DESLANDES, S.F.; GOMES, R. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 26. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- MORIN, E. *A Cabeça Bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- MOSCOVICI, F. *Desenvolvimento Interpessoal: treinamento em grupo*. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Olympio, 2009.
- MOSCOVICI, F. *Equipes Dão Certo*. 11ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Ed. 2007.
- REVISTA BRASILEIRA DE MUSICOTERAPIA, n.2. *Definição de musicoterapia*. Rio de Janeiro: UBAM, 1996.



RIOS, T. A. *Compreender e Ensinar* - por uma docência da melhor qualidade. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ROBBINS, S. P. *Comportamento Organizacional*. 9ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002.

RUUD, E. *Caminhos da Musicoterapia*. São Paulo: Summus, 1990.